

EDITORIAL

Apresentamos o primeiro número de REDD - Revista Espaço de Diálogo e Desconexão, uma iniciativa do Grupo de Pesquisa Temático Trabalho e Trabalhadores. Espaço de discussões acadêmicas, científicas e talvez estéticas, mas experimental em suas linhas e diretrizes. Uma de suas novidades, talvez seja sua proposta de ser um veículo de comunicação, de cooperação, de interação. Diálogo, ainda que comedido, suficientemente caótico do ponto de vista acadêmico e, ao mesmo tempo, minimamente acadêmico para sustentar “heresias científicas”. Caminho próprio que não deve ser necessariamente seguido por experiências diferentes. Construir o saber num ambiente coletivo na busca de mapear e equilibrar conflitos entre posições e interesses com a necessária cooperação que dão vida ao grupo. O diálogo tanto quanto a desconexão situam-se vis a vis na busca construtiva e concreta. Nossa posição é de que o reconhecimento e a aceitação das diferenças não bastam por si só, não devem ser atributos de fé, nem arautos de moral. O desafio é, portanto, trilhar, construir caminhos comuns com subjetividades, ou seja, algo comum com matérias diferentes.

A crítica à razão instrumental não pode reconhecer o caminho da “medida da razão”, ou das ditas ciências cognitivas como construção de verdades absolutas. Relevam-se aspectos “demasiadamente humanos” como a intuição e o afeto na construção da inteligência. Esta é a proposta de discussão feita no texto que homenageia sem homenagens a figura do intelectual francês André Gorz.

Na primeira seção da revista, o artigo de Giselia Potengy, socióloga e especialista em Sociologia do Trabalho, mapeia a atual proposta para o biodiesel enquanto uma alternativa energética especificamente projetada para a produção familiar.

O artigo de Giuseppe Cocco critica as posições e vatinizações discordantes da política federal do programa “bolsa família”, apontando que são amparadas em juízos de valor, moralismos, e sofismas típicos das velhas direita e esquerda estruturadas e esquematizadas em modelos e propostas de desenvolvimento estatais.

Wallace Moraes em seu artigo coloca o direito do trabalho como regulação temporal do próprio trabalho. A regulação sobre o trabalho é uma tentativa de controle que na verdade é “usada”. Segue sendo afrontada de forma biopolítica pelo fluxo de construção de resistências, ou seja, por quem é injustamente explorado. Mas também, é injustamente desregulamentado na medida em que afeta interesses corporativos e privados.

Fabiana Santana Previtalli e Andréia Farina de Faria a partir da indústria de fumo da região de Uberlândia procuram compreender as novas determinações da reestruturação produtiva equacionando a teoria marxista, o taylorismo-fordismo, ciência e tecnologia e as inovações deste setor produtivo.

O artigo de Rodrigo Martins polemiza os novos contornos da ruralidade contemporânea. Pondera que diversas questões relativas ao desenvolvimento e à regulação sócio-ambiental dos territórios rurais adquirem forte peso na conformação da nova ruralidade fundada nas pluriatividades.

O artigo do teólogo e tradutor Euclides Balancin dialoga com os demais no ponto comum das preocupações mais corporativas de grupo. A análise filosófica teológica e histórica remete aos paradigmas da Sociologia do trabalho, e de certa maneira até mesmo à Economia Política. A definição de trabalho no livro do Eclesiastes dialoga com o conceito e com a prática laborativa em si, como fenômeno antropológico e ainda, fundador da sociedade. Uma diferença fundamental

para pensar trabalho como atividade fundadora da sociedade de formas de trabalho que se constituem em exploração, eliminando as próprias motivações (felicidades) que foram constituintes da própria sociedade. Uma crítica feroz à instrumentalização técnica do trabalho.

Guilherme Carvalho procura debater o sindicalismo e sua representatividade a partir de sua dimensão política e cognitiva, refletindo sobre as implicações trazidas pelas transformações do mercado e da reestruturação produtiva.

Encerrando a seção de artigos, Ivan Teixeira, mestre em Sociologia, discute a construção de relações sociais a partir do território configurado pelo espaço social das Folias de Reis no interior do estado de São Paulo.

A segunda seção da revista apresenta-se como iniciativa inaugural do gênero. Nela aparecem as pesquisas desenvolvidas pelos membros do grupo. A proposta, portanto, é que os números subseqüentes guardem continuidade, demonstrando andamentos e resultados das pesquisas. Espera-se abrir espaço para interlocuções.

A terceira seção é reservada a resenhas. Felipe Figliolli estudante de direito, se propõe a analisar a posição do importante sociólogo brasileiro, José de Souza Martins, com relação ao MST – Movimento dos trabalhadores Rurais. Tamires Amaral resenha Goffman enfatizando o tema do mundo das equipes dirigentes de instituições totais. Ricardo Pereira apresenta uma interessante resenha do livro de Lazzarato e Antonio Negri que propõe um conceito tanto novo quanto polêmico: trabalho imaterial.